

A memória histórica dos brasileiros*

Mário Hecksher**

O médico e pesquisador Dr. Iván Izquierdo, argentino naturalizado brasileiro e professor titular de Neuroquímica da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, é um destacado cientista, com 469 trabalhos sobre o funcionamento da memória, publicados em revistas especializadas no Brasil e no exterior. Comemorando seus 40 anos de atividades na área científica, lançou um livro denominado *Memória*, destinado aos médicos, biólogos e psicólogos. Na oportunidade, concedeu uma interessante entrevista a uma revista não especializada, na qual, respondendo ao repórter, declarou o seguinte:

Pergunta da revista – *Nossas memórias pessoais coletivas incorporam fatos irrealis?*

Resposta do Dr. Izquierdo – *Sim, todo mundo quer acreditar que viveu uma infância feliz e, por isso, retoca algumas passagens. Isso também acontece coletivamente. Todos os próceres são mitos. Simon Bolívar não foi um general tão heróico. Era um mulherengo que adia batalhas porque tinha algo mais interessante a fazer com suas amantes. Precisamos inventar heróis para sentir que pertencemos a alguma coisa. Por isso, o Brasil criou os heróis do futebol. Temos a necessidade de cultuar exemplos para mostrar o que somos quando nos defrontamos com o mundo.*

Pergunta da revista – *Diz-se que o brasileiro não tem memória histórica. É verdade?*

Resposta do Dr. Izquierdo – *Sim, o Brasil é um país sem heróis militares e, por isso, lhe faltam marcos. Não quero dizer que seja bom ter muitos generais cultuados. A existência de vultos militares pode significar apenas que uma nação foi muito belicosa. Não é garantia de uma sociedade melhor. Os argenti-*

nos colecionam heróis militares e nem por isso sabem eleger seus governantes. Mas, em geral, os cidadãos identificam mais facilmente os descendentes políticos de figuras heróicas. A cada eleição, sabem que votaram a favor ou contra o sucessor de determinado líder. Esse tipo de memória faz falta no Brasil. Talvez isso ajude a explicar por que, ideologicamente, os partidos brasileiros são tão amorfos.

Deixemos de lado, por um momento, o comentário desairoso sobre Bolívar, libertador de boa parte dos países da América Hispânica, que o ilustre entrevistado teria feito (*sic*) e tratemos da falta de heróis que se verifica no Brasil.

Isso realmente acontece? E por que acontece? Na verdade, a História do Brasil está povoada por vultos que mereceriam ser cultuados como heróis.

O primeiro deles é o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. Ao conspirar pela Independência das Minas Gerais, foi sobre ele que desabaram as maiores conseqüências e os maiores castigos da revolta denominada Inconfidência Mineira. Não há notícias de que tenha vacilado em algum momento, traíndo seus companheiros ou renegando os seus ideais. Era um homem sem fortuna, um simples alferes de Cavalaria da milícia, um homem do povo. Foi trucidado, sem dó nem piedade pelas autoridades portuguesas.

Condenado à forca e posteriormente esquartejado, teve seus restos mortais expostos em vários locais para servir de exemplo. Em qualquer país do mundo, essa seria a odisséia de um herói a ser cultuado e destacado para todo o sempre. No Brasil, famosos cineastas, patrocinados pelo dinheiro público, nunca se digna-

* Colaboração da Academia de História Militar Terrestre do Brasil – AHMTB.

** O autor é Coronel de Infantaria e de Estado-Maior.

ram a produzir um filme sobre a sua vida, preferindo tentar resgatar vultos pouco ilustres, como alguns terroristas e guerrilheiros urbanos.

A Inconfidência não foi um movimento de caráter nacional, no entanto trazia em seu bojo ideais de liberdade, e seus mentores pregavam a adoção de um governo republicano. Mais tarde, a República poderia ter adotado o Alferes Joaquim José como símbolo, destacando, entre outras qualidades, sua enorme coragem, mas não houve sensibilidade para isso. Só posteriormente, o Vinte e Um de Abril, dia de sua morte, foi transformado em feriado nacional, e o alferes assumiu o papel de patrono das polícias militares estaduais, sendo chamado, durante algum tempo, de Protomártir da Independência. Lembrome também que, tempos atrás, foi tema do enredo de uma escola de samba no carnaval carioca e lembrado durante algumas horas. Hoje, Tiradentes não é verdadeiramente cultuado como herói, a importância de sua história é pouco enfatizada nas escolas, e, em consequência, o alferes é pouco conhecido pelo nosso povo.

Outra personalidade histórica que não poderia ser esquecida é Luiz Alves de Lima e Silva, o Pacificador. Mais conhecido como o Duque de Caxias, Luiz Alves foi o artífice da unidade nacional. Após a abdicação de Pedro I, houve um momento no qual o governo central viu-se muito enfraquecido, devido ao esfacelamento dos vínculos de liderança política com os governos das províncias e às dificuldades de comunicação então existentes.

Nesse transe, surgiram revoltas sucessivas no Nordeste, no Sudeste e no Sul, sendo necessário o envio de tropas para conter os revoltosos e restaurar a ordem. No comando dessas ações, Caxias agiu com enorme cautela e magnífico bom senso. Sempre combateu e venceu os revoltosos que empunhavam armas, sem jamais perder de vista que aqueles eram irmãos brasileiros, cujas razões mereciam ser ouvidas e discutidas. Poderia ter eliminado os adversários, mas não fez assim. Usou a diplomacia tanto quanto

a força das armas e transformou inimigos em aliados, revoltosos em colaboradores.

Não fossem as ações eficazes de Caxias, hoje poderíamos ter vários brasis. Um ao Sul, governado pelos descendentes dos rebeldes farroupilhas, outro na região Leste, herança dos mineiros e paulistas chefiados por Feijó, e sabe-se lá quantos outros no Nordeste!

O Duque, talvez por ser o Patrono do Exército Brasileiro, sempre foi o alvo predileto daqueles que usaram e usam a calúnia e a inverdade histórica para denegrir a imagem das instituições nacionais, na tentativa de reescrever a História. Quantos casos mentirosos inventaram a respeito de Caxias!

Luiz Alves de Lima e Silva entrou muito cedo para o Exército e tornou-se um estudioso que conhecia os difíceis meandros de sua profissão, bem como a Política, a História, a Geografia, a Matemática e a Física. Mas cresceu dentro da profissão das armas “vendo, tratando e pelejando”.

Quando assumiu o cargo de comandante-em-chefe das forças aliadas na Guerra do Paraguai, a situação dos brasileiros, argentinos e uruguaios era extremamente complicada. Sem suprimento, com os efetivos dizimados pelas doenças, pela audácia e pelo fogo inimigo, os aliados estavam próximos de uma derrota humilhante.

Chegando ao teatro de operações, o velho general (sim, era um homem com mais de sessenta anos) tudo reorganizou. Alimentos, uniformes, munições de todos os tipos, assistência aos doentes, cavalos e mulas de montaria e tração foram providenciados. Mandou vir até um balão de observação para vigiar os movimentos do adversário. Reorganizou, planejou, instruiu, treinou as tropas e reergueu o moral de seus comandados.

Depois da chegada de Luiz Alves, só houve vitórias para os brasileiros, argentinos e uruguaios. De certa feita, na batalha travada pela posse da ponte sobre o ribeirão Itororó, relativamente estreito mas de margens muito taludadas, a sorte do combate ia incerta. Os brasileiros atacavam e, em seguida, eram expulsos

pelos valentes soldados paraguaios. Muitas vezes, as tropas foram e voltaram, e as águas tingiram-se com o sangue daqueles bravos.

Foi então que o velho general de barbas brancas, montado em seu cavalo castanho e com o sabre em punho, tomou a frente da refrega, sendo alvo de centenas de tiros. De passagem, ia chamando os soldados à luta, galvanizando a tropa com sua coragem. Vendo o exemplo do comandante, até os medrosos tornaram-se valentes e o seguiram. Naquela tarde, mais uma vez, a vitória foi conquistada.

Mas Caxias era muito exigente com as tropas e não permitia que cometessem qualquer crime de guerra. Diga-se que, naquela época, poucos falavam sobre essas coisas, que só vieram a ser questionadas muito mais tarde, ganhando consistência e forma nas convenções de Genebra.

Bom exemplo de sua intolerância com tais delitos foi o castigo por ele imposto a um batalhão, cujos integrantes molestaram mulheres paraguaias. O batalhão foi dissolvido e seus estandartes queimados, sendo os seus soldados incorporados a outras unidades. Os oficiais comandantes, nos diversos escalões, foram sentenciados a receber de vinte a trinta pranchadas de espada nas costas nuas, além de serem rebaixados de seus postos. De modo emblemático, aqueles homens sofreram tal punição apanhando com as suas próprias espadas, as quais deveriam ter usado para impedir a violação das mulheres paraguaias! Após vencer o experiente e valoroso Exército paraguaio, Caxias, modesto, não quis entrar em Assunção, preferindo voltar ao Brasil.

Outro vulto que merece o nosso mais profundo respeito e admiração é o sertanista e general, Cândido Mariano da Silva Rondon, que desbravou o interior de nosso País, estendendo linhas telegráficas aos pontos mais distantes de nossas fronteiras, unindo o sertão ao litoral e promovendo a integração nacional. Em seu périplo, encontrou inúmeros povos indígenas ainda desconhecidos e, em seus contatos com esses brasileiros, não habituados à presença dos

homens ditos civilizados, cunhou uma frase lapidar: “Morrer se preciso for; matar nunca!”

Assim, Rondon tornou-se o amigo e o protetor dos povos indígenas, diferentemente de alguns generais de poderosas nações, cultuados e estimados por terem submetido nações indígenas a ferro e fogo. A atuação de Cândido Mariano só nos orgulha pelo excelente exemplo que transmite ao Brasil e ao mundo.

Através deste brevíssimo relato, sobre Joaquim José da Silva Xavier, Luiz Alves de Lima e Silva e Cândido Mariano da Silva Rondon (três Silvas – o mais brasileiro dos sobrenomes), pode-se ver que não é por falta de gente ilustre, séria e heróica que os brasileiros não têm memória histórica! Acontece que essa memória histórica tem de ser cultivada, como fazem todos os povos, inclusive os nossos vizinhos da América do Sul!

É interessante mencionar, ainda, algo que o Dr. Izquierdo certamente nunca ouviu, e que escutei, na minha juventude, da boca de um velho professor de História, chamado Ribas. Dizia ele: “As Forças Armadas representam a explicitação do instinto de sobrevivência das nações.” Portanto, na maioria das vezes, os soldados foram apenas humildes instrumentos desse instinto de sobrevivência e, pelas qualidades que lograram demonstrar nas situações de crise ou guerra, alguns se tornaram heróis nacionais.

Bolívar, insultado gratuitamente pelo ilustrado cientista, foi um deles. O fato de ter gostado das mulheres deve tê-lo ajudado, e muito, a liderar os seus soldados, pois tal “fraqueza” mostrava a todos que ele não era um deus, mas apenas um simples ser humano.

Voltando ao Brasil, eu lhes digo que, enquanto existirem entre nós pseudo-historiadores, dedicados a falsear a História, enquanto houver autores que se especializaram em cuspir na face daqueles que construíram a grande Nação Brasileira, só restará ao povo o recurso de contentar-se com heróis efêmeros, produzidos em atividades esportivas ou gerados por alguns marqueteiros, mestres da propaganda enganosa. ☹